

Análise da microconstrução *perto de* sob ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso

Analysis of the microconstruction *perto de* [near] from the perspective of Usage-Based Functional Linguistics

Ivo da Costa do Rosário*
Vitor Luiz Elias Pessôa**

RESUMO

Seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, com aportes da Linguística Textual, este artigo tem como objetivo analisar as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas da microconstrução conectora *perto de*. Segundo Traugott e Trousdale (2013), a língua é uma rede de construções hierarquicamente organizadas, cuja unidade básica é a construção, produto de um pareamento forma e função (GOLDBERG, 1995, 2016). Com base em dados coletados no *Corpus do Português* (Interface *NOW*), realiza-se uma análise qualitativa desse conector oracional, responsável por estabelecer relações de coesão sequencial (cf. FÁVERO, 2009). A partir da análise de dados de uso real, os resultados indicam que *perto de* atua como elemento de conexão oracional em língua portuguesa, ligando orações não finitas marcadas pela noção de tempo aproximativo. Na sua constituição, atuaram os processos de neoanálise e de analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

PALAVRAS-CHAVE: conectores; tempo; Linguística Funcional Centrada no Uso.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023nEspecial.1353>

* Universidade Federal Fluminense (UFF), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), <http://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

** Universidade Federal Fluminense (UFF), <http://orcid.org/0000-0003-1181-6454>

ABSTRACT

Following the theoretical and methodological assumptions of Usage-based Functional Linguistics with contributions from Text Linguistics, this article aims to analyze the main morphosyntactic and semantic-pragmatic properties of the connector microconstruction [perto de] (“near” in English). According to Traugott and Trousdale (2013), language is a network of hierarchically organized constructions whose basic unit is the construction, a product of a pairing of form and function (GOLDBERG, 1995, 2016). Based on data from the *Portuguese Corpus* (interface NOW), a qualitative analysis of this sentence connector, responsible for establishing sequential cohesion relations, is carried out (cf. FÁVERO, 2009). Based on the analysis of real usage data, the results show that [perto de] (“near” in English) functions in Portuguese as an element of sentence connection, linking non-finite sentences characterized by the notion of approximate time. In its formation, the processes of reanalysis and analogization were at play (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

KEYWORDS: Connectors; time; usage-based functional linguistics.

Considerações iniciais

Os mecanismos de coesão sequencial *stricto sensu* (porque toda coesão é, num certo sentido, sequencial) são os que têm por função, da mesma forma que os de recorrência, fazer progredir o texto, fazer caminhar o fluxo informacional (FÁVERO, 2009, p. 33)

Na língua em uso, o inventário de elementos responsáveis pela conexão de palavras, sintagmas, frases e porções textuais é uma realidade em constante movimento. Isso significa que a lista de conectores é sempre dinâmica, sendo possível atestar elementos mais clássicos ao lado de muitos usos inovadores, que vão surgindo para renovar as opções de fala e de escrita dos usuários da língua.

Servindo-se das lições de Beaugrande e Dressler, Fávero (2009, p. 10) esclarece que a coesão, “manifestada no nível microtextual, refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligadas entre si dentro de uma sequência”. Nesse campo de estudo, despontam os conectores, como o *perto de*, objeto de investigação deste estudo.

A análise de *perto de* está filiada a um projeto de pesquisa mais amplo, que é a análise da rede esquemática [X de]_{conect} (ROSÁRIO, 2022a), uma importante agenda de pesquisas funcionalistas desenvolvidas no âmbito do CCO – Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações¹, com um número crescente de trabalhos já publicados (cf. ROSÁRIO; MACHADO, 2022; ROSÁRIO; SOUZA, 2022 e outros).

A hipótese central desse projeto maior – no qual este estudo do *perto de* se integra – é que essa rede abriga múltiplas microconstruções com função de conectar orações hipotáticas não finitas em língua portuguesa. Portanto, a partir dessa ideia mais ampla, procedemos a um recorte nesse esquema para entender o comportamento formal e funcional de um de seus elementos, a saber, a microconstrução conectora [perto de]_{conect}, responsável por estabelecer relações de coesão sequencial (cf. FÁVERO, 2009; KOCH, 2004).

A escolha desse recorte para pesquisa justifica-se pela clara necessidade de estudos que contribuam com a análise e descrição da língua em uso, em especial das microconstruções conectoras que a rede esquemática [X de]_{conect} abriga. De fato, ainda são muito escassas as pesquisas que se debruçam sobre esses conectores em sua função de ligar orações, não sendo (ou sendo pouco) explorados nos compêndios gramaticais, embora, a partir dos dados coletados, observemos frequência de seu uso em diversos suportes, como textos jornalísticos, revistas, entre outros.

Para guiar a nossa análise dos dados, adotamos a Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU, como linha teórica principal deste trabalho. Essa corrente é resultante da união da Linguística Funcional Clássica com a Linguística Cognitiva, recebendo, também, contribuições relevantes da Gramática de Construções (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; ROSÁRIO; OLIVEIRA; LOPES, 2022; ROSÁRIO, 2022b; CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). A LFCU considera não somente a análise do polo da forma, como também a análise do polo da função, entendendo que a interdependência

1 <http://cco.sites.uff.br> Acesso em 29/03/2022

entre ambos os polos é capaz de nos oferecer uma análise mais holística do fenômeno pesquisado.

Como linha teórica auxiliar, evocamos alguns conceitos da Linguística Textual, considerando que esse arcabouço permite importantes avanços no campo do estudo da conexão, dentro da área dos mecanismos de coesão sequencial (cf. FÁVERO, 2009; KOCH, 2004). Aliás, a união da LFCU com a Linguística Textual tem sido uma tendência em diversos estudos da área, haja vista a comunhão de pontos de vista acerca da língua em uso (cf. CASTANHEIRA, 2020; ARENA; AGUIAR, 2022)

Toda reflexão deste trabalho parte de dados captados em textos reais diversos, uma vez que, segundo a concepção teórica adotada, a língua é forjada no uso (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Desconsideramos, portanto, neste artigo, a ideia de que a gramática possa apresentar regras fixas que se apliquem a qualquer contexto ou situação. Ao contrário, em virtude das eventualidades do discurso, a gramática passa a ser concebida como uma estrutura em constante adaptação e mutação, pressionada por fatores pragmáticos e contextuais.

Tendo em vista esses pressupostos teórico-metodológicos, este trabalho tem como objetivo realizar uma investigação minuciosa do papel funcional da microconstrução conectora *perto de*, composta originalmente de um advérbio (“perto”) e de uma preposição (“de”). Essa formação sintagmática é tradicionalmente chamada, nos diversos compêndios, de locução prepositiva, cuja função mais canônica é realizar ligações de base não oracional. De modo a alargar esse ponto de vista, observamos que a microconstrução [perto de]_{connect} pode desempenhar outros papéis na língua, como o de exercer a função de conector de orações hipotáticas não finitas.

Para entendermos melhor o comportamento sintático-semântico de *perto de* sob essa ótica, vejamos dois dados iniciais do *Corpus do Português*²:

2 <http://www.corpusdoportuguês.org/xp.asp>

(1) Deus sempre foi fiel e não iria me desamparar nessa hora. Estava **perto de** acabar o trajeto quando lembrei que voltei a dirigir o carro que eu mesma comprei com o salário do meu próprio trabalho, tudo graças ao Senhor. Deus sempre soube de todas as minhas aflições. Disponível em <http://apenas1.wordpress.com/2012/12/06/muito-mais-que-vencedora/>

(2) No ultimo dia de festa eu estava passando mal, mas quis ir assim msm, pois era o último dia e queria aproveitar e beber todas, era show do Luan Santana. Cheguei e encontrei uma amiga, e começamos a beber caipirinha juntos. **Perto de** acontecer o show, lotado já o ambiente, fui ao banheiro. Quando eu olhei de onde vim, estava mt cheio, passando mal ainda decidi ir embora. Disponível em <link: <http://apenas1.wordpress.com/2012/11/29/deus-desistiu-de-mim-sera/>

Em (1), podemos observar que *perto de* não está convencionalizado como conector. Afinal, *perto de* ainda está muito associado ao verbo anterior *estar*, em uma relação predicativa (*estava perto / de acabar...*). É como se houvesse uma fronteira entre o *perto* e o *de*. Neste caso, a hipótese levantada é que “de acabar o trajeto...” é uma oração com funcionamento análogo ao de uma completiva nominal, já que essas orações complementam um substantivo, adjetivo ou advérbio, como é o caso de “perto”. Embora as gramáticas tradicionais apresentem as completivas nominais como orações ligadas a advérbios de outra natureza, essa é a classificação possível mais próxima das categorias tradicionais para esse uso. Afinal, “perto” é um advérbio, podendo, portanto, ser complementado por uma informação iniciada por preposição, como é típico das orações completivas nominais.

Ainda em (1), o uso de *perto de* indica uma espécie de etapa anterior ao surgimento do conector propriamente dito, visto que nesse uso ainda não temos a ação da neoanálise, ou seja, não se pode falar em uma conjugação indissociável entre o *perto* e o *de*. Apesar de não termos dados diacrônicos para sustentar essa visão, o conjunto expressivo de estudos baseados na história do surgimento dos conectores nas diversas línguas humanas nos permite aventar essa possibilidade (cf. HEINE; KUTEVA, 2007).

Já em (2), o *perto de* cumpre o papel de elemento de coesão sequencial (cf. FÁVERO, 2009, p. 33), indicando tempo aproximativo. Ao contrário do dado (1), encontramos a possibilidade de mobilidade entre as orações do período. Por exemplo, é totalmente possível termos “Fui ao banheiro *perto de* acontecer o show, lotado já o ambiente”, tendo em vista que a oração introduzida por *perto de*, nesse caso, conta com propriedades típicas das chamadas orações adverbiais temporais. Logo, o *perto de*, nesse dado, por servir de conector de orações (ainda que não finitas), já tem comportamento sintático-semântico semelhante ao das conjunções do português.

Essas considerações iniciais, baseadas na convivência de dois diferentes padrões de uso, no recorte sincrônico, permitem a defesa de que *perto de* sofreu uma alteração no eixo formal e funcional, por meio dos processos de analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) e de *chunking* (BYBEE, 2010). Isto é, a partir de um modelo mais virtual abstrato (no caso, o esquema [X de]_{conect}) e com base na perda crescente de composicionalidade, *perto de* passou a atuar como um conector hipotático, com mudanças no seu uso. O *perto de* distanciou-se progressivamente do seu sentido adverbial locativo original (como em “Estou *perto de* minha casa”), restrito ao campo da ligação de termos, e foi migrando para a rede dos conectores hipotáticos temporais, como demonstra o dado (2).

Para que façamos a análise linguística desse conector hipotático temporal e de seu papel no campo da coesão sequencial, organizamos este artigo da seguinte maneira: após estas considerações iniciais, apresentamos os procedimentos teórico-metodológicos que adotamos (nas seções 2 e 3); posteriormente, procedemos à Análise de dados sob a ótica do arcabouço teórico adotado (seção 4); por fim, as considerações finais (seção 5) encerrarão este trabalho.

1. Fundamentação teórica

A base teórico-metodológica principal que norteia esta pesquisa, a Linguística Funcional Centrada no Uso, também é denominada, conforme

Tomasello (1998), de Linguística Cognitivo-Funcional. Como linha teórica auxiliar, adotamos alguns conceitos advindos da Linguística Textual, especialmente as contribuições de Koch (2004, 2021) e Fávero (2009)

Segundo a LFCU, o comportamento linguístico é um reflexo das capacidades cognitivas do ser humano. Essa corrente teórica trabalha com os conceitos de categorização, analogia, neanálise (cf. TRAUGOTT; TROUDALE, 2013; ROSÁRIO, 2022b), entre outros de que trataremos com mais detalhes nesta seção.

A LFCU contribui para um novo modo de pensar a respeito da natureza da linguagem, uma vez que abarca em sua essência a perspectiva funcionalista, mas também carrega contribuições advindas da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Linguística Cognitiva, oferecendo um consistente conhecimento a respeito da cognição, da memória e dos esquemas mentais referentes aos objetos em estudo.

A junção dessas correntes, que resulta na LFCU, adota a incorporação da pragmática e da semântica às suas análises, trazendo à luz a relação estreita entre a estrutura e os usos da língua em contextos reais de comunicação, isto é, no discurso natural. Assim, entendemos que a LFCU toma o fenômeno linguístico como produto (e, também, processo) da interação humana.

Nas análises empreendidas, a LCFU considera tantos os aspectos formais da estrutura social das línguas, como considera os aspectos que concernem aos contextos comunicativos, de uso da língua, isto é, a LFCU mantém seu olhar também para os aspectos discursivos, semânticos e pragmáticos. Nessa análise, observam-se as dimensões formais – estratos morfossintático e fonético-fonológico – e funcionais – estratos semântico, discursivo e pragmático.

A LFCU vai sempre levar em consideração as instabilidades da língua, isto é, a defesa de que a gramática não é rígida, mas, pelo contrário, que está em constante processamento, considerando que o uso, juntamente com as habilidades cognitivas, irá provocar realinhamentos na estrutura linguística. Esses realinhamentos, por sua vez, são sempre produzidos, de

forma consciente ou não, pelos agentes do discurso, isto é, pelos interlocutores, por meio de negociação de sentidos.

Além da Linguística Funcional e da Linguística Cognitiva, a LFCU acrescenta em seu modelo de análises linguísticas a Gramática de Construções, devido às contribuições relevantes que esse modelo pode oferecer à descrição linguística. A Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995, 2016; CROFT, 2001) apresenta, em um contexto mais amplo, uma análise linguística que constata a insustentabilidade da separação radical do léxico e da sintaxe.

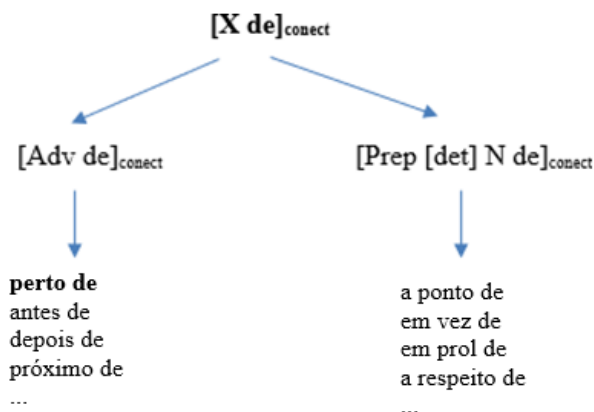
Assim, chegamos ao conceito de *construção*, que são as estruturas simbólicas que constituem as línguas humanas. As construções de uma língua distribuem-se em um *continuum*, visto que suas propriedades formais e funcionais são gradientes. Esse modelo teórico defende que as construções são dotadas de caráter holístico. Assim, o todo, funcionando com significado próprio, irá se diferenciar da soma das partes. Nesse sentido, “*perto + de*” (advérbio + preposição), por exemplo, é diferente de “*perto de*” (conector).

As construções são organizadas em redes hierárquicas, por meio de diferentes níveis de complexidade interna, além de distintos graus de preenchimento. Além disso, as construções que se alocam em níveis mais altos são as mais gerais e abstratas, como a rede $[X \text{ de}]_{\text{connect}}$, ao passo que as mais baixas tendem a ser mais específicas e menos abstratas, ligando-se a esses níveis mais altos por diferentes *links*.

A hierarquia construcional costuma ser organizada em três níveis: esquema, subesquema e microconstrução. O maior nível da hierarquia é o esquema, sendo ele mais abstrato, derivando dele, portanto, diversas construções em diferentes níveis. O subesquema está em um nível intermediário. Por fim, a microconstrução se concretiza em construtos, representando o nível mais baixo das construções e, segundo Rosário e Oliveira (2016), funcionando como o *locus* da inovação. O objeto de estudo deste trabalho, o conector *perto de*, encontra-se justamente no nível da microconstrução, em uma posição mais baixa na hierarquia construcional.

Partindo da ideia postulada de que existe uma hierarquia construcional (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), em que convivem usos mais abstratos ao lado de usos mais concretos, podemos observar essa representação da seguinte forma:

Esquema 1 – Rede dos conectores $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$ em língua portuguesa



Fonte: Adaptação de Rosário (2022a, p. 371)

No topo da hierarquia, está o esquema abstrato $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$. Logo abaixo, em nível intermediário, há dois subesquemas: $[\text{Adv de}]_{\text{conect}}$ e $[\text{Prep [det] N de}]_{\text{conect}}$. Devido à natureza deste trabalho, interessa-nos em maior medida o primeiro subesquema, pois *perto de* é uma microconstrução (nível mais baixo da hierarquia), justamente associado a esse primeiro subesquema, formado por advérbio + preposição. Por fim, os constructos são as materializações das diversas microconstruções.

Assim, agregando todos esses estudos, a LFCU consegue trazer à análise linguística contribuições significativas, atribuindo aos estudos gramaticais um olhar mais holístico, tendo, obviamente, um foco na língua em uso, conforme sua própria nomenclatura sugere – “Centrada no Uso”.

Inclusive, sobre a nomenclatura usada para essa corrente teórica, Braga (2018, p.23) discorre que:

a denominação Linguística Funcional Centrada no Uso foi cunhada pelo Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática (D&G) a partir da tradução do original *Usage-Based Linguistics* (Linguística Baseada no Uso). Como o termo “baseada” parecia não contemplar a importância central que o uso exerce para essa abordagem, o professor Mário Martelotta, pesquisador do D&G, sugeriu a substituição por “centrada”, resultando em Linguística Centrada no Uso. Posteriormente, integrantes do D&G Natal propuseram a inserção do termo *funcional*, demarcando explicitamente a base funcionalista dessa abordagem, passando a Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Textual, por sua vez, consiste em uma corrente teórica cujo foco é “tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 11).

Em sentido amplo, a Linguística Textual, doravante LT, também é uma linguística baseada no uso, uma vez que volta seu olhar para textos reais em suas mais diversas manifestações. Apesar de contar com um aparato teórico e com conceitos distintos dos utilizados pela LFCU, as aproximações possíveis entre ambas são legítimas e operacionalizáveis.

Neste estudo, considerando o caráter auxiliar das contribuições da LT, vamos nos deter apenas no campo da coesão, compreendida, à luz da visão hallidayana, como as relações de sentido que se estabelecem no interior dos textos. Há muitas propostas que se dedicam a classificar os tipos de coesão existentes. Neste estudo, vamos adotar a proposta de Koch (2004), para quem há dois grandes tipos: a coesão referencial e a coesão sequencial. Vamos nos deter apenas nesse segundo tipo, em função do foco deste trabalho.

Conforme está descrito na epígrafe deste artigo, a coesão sequencial tem como função permitir a progressão do texto. No âmbito desse tipo de sequência, Koch (2004, p. 53-78) distingue a sequenciação frástica da sequenciação parafrástica.

A sequenciação frástica engloba procedimentos de manutenção temática, progressão temática e de encadeamento. Este último pode ser realizado por meio de dois mecanismos principais: justaposição e conexão.

A conexão é assim definida por Koch (2004, p. 68):

Outro tipo de sinais de articulação são os conectores interfrásticos, responsáveis pelo tipo de encadeamento a que se tem denominado conexão ou junção (cf. a conjunção de Halliday & Hasan). Trata-se de conjunções, advérbios sentenciais (também chamados advérbios de texto) e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas.

Essa definição apresentada por Koch (2004) é de grande relevância para este estudo, haja vista a visão mais ampla para o conceito de conexão. De fato, não são apenas as conjunções e preposições que cumprem o papel de estabelecer ligação de termos e orações (ou de outras porções textuais) na língua. Ao contrário, há uma série de outros instrumentos de natureza procedural capazes de cumprir esse papel, como é o caso de *perto de*. Dessa forma, o hiperônimo *conector* é assaz relevante.

Podemos sistematizar os diversos tipos de conexão apresentados por Koch (2004), por meio do quadro a seguir:

Quadro 1 – Tipos de conexão

Relações discursivas ou argumentativas	Relações lógico-semânticas
Conjunção	Relação de condicionalidade
Disjunção argumentativa	Relação de causalidade
Contração	Relação de mediação
Explicação ou justificativa	Relação de disjunção
Comprovação	Relação de temporalidade
Conclusão	Relação de conformidade
Comparação	Relação de modo
Generalização/extensão	
Especificação/exemplificação	
Contraste	
Correção/redefinição	

Fonte: Autoria própria, com base em Koch (2004, grifo nosso)

No âmbito das relações lógico-semânticas, destacamos aqui a relação de temporalidade, justamente em função dos objetivos deste trabalho. Koch (2004, p. 70) afirma que esse tipo de relação lógico-semântica faz com que duas orações se localizem no tempo, relacionando “ações, eventos, estados de coisas do ‘mundo real’ ou a ordem em que se teve percepção ou conhecimento deles”. Ainda segundo a autora, essas relações podem ser de tempo simultâneo (exato, pontual), de tempo anterior/posterior ou de tempo contínuo/progressivo. Como será demonstrado na Análise de Dados, a função de *perto de* é justamente indicar a noção de tempo anterior aproximativo.

Feitas essas considerações, passemos aos procedimentos metodológicos.

2. Procedimentos metodológicos

A respeito dos procedimentos metodológicos adotados neste estudo, temos como ponto de partida os princípios de análise da LFCU, isto é, consideraremos tanto os aspectos internos quanto externos ao sistema linguístico. Isso, obviamente, se dá porque partimos do pressuposto de que fatores linguísticos, cognitivos e sociocomunicativos motivam a organização da estrutura linguística.

De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, há sempre forte motivação icônica para a criação de uma nova construção. Isso significa que é importante adotarmos uma metodologia de pesquisa que considere a interdependência de diversos fatores, bem como a atuação deles em contextos de uso diferentes.

Elegemos a microconstrução conectora *perto de* para investigação, em virtude da clara necessidade de pesquisa desse elemento pertencente à rede esquemática $[X \text{ de}]_{\text{conect}}$, uma vez que há pouca ou quase nenhuma exploração desse tópico nas gramáticas. Esse ponto está igualmente ausente da maioria das obras de referência da língua portuguesa.

Como já indicado anteriormente, esse elemento procedural (*perto de*) tende a ser laconicamente tratado como locução prepositiva, sendo acompanhado de poucos exemplos ilustrativos de seu papel de conectar palavras ou sintagmas. Com isso, a abordagem tradicional tende a escamotear o seu potencial de ligar orações, que é o foco deste estudo.

A fonte de coleta de dados deste trabalho é o *Corpus do Português*, disponível em <<https://www.corpusdoportugues.org/>>, especificamente a interface *Now*, que reúne dados sincrônicos do período de 2012 a 2019. O *Corpus do Português* abriga uma grande quantidade de textos reais hospedados em *sites* da Internet.

Com relação aos passos trilhados nesta pesquisa, inicialmente houve uma busca eletrônica por *perto de*. Com isso, obtivemos 6700 ocorrências na interface *Now* do *Corpus do Português*. A partir desse universo, selecionamos 220 (duzentas e vinte) ocorrências em que o *perto de* estava em contexto oracional, em usos semelhantes aos apontados neste trabalho em (1) e (2). Com isso, chegamos a esse quantitativo:

Tabela 1 – Resultados da coleta de dados no Corpus do Português

Tipos de Ocorrências	Quantidade de Ocorrências	Porcentagem
Uso predicativo	147	66,81%
Uso conectivo	73	33,18%
Total	220	100%

Além desses dados, em navegação própria pela Internet, foi encontrado um uso de *pertíssimo de* na função de conector, o que nos fez buscar no *corpus* também por *pertíssimo de*, tendo encontrado 69 (sessenta e nove) ocorrências, dentre as quais extraímos 5 dados em contexto oracional. Encontramos, também, no *corpus*, 2 (duas) ocorrências de *pertinho de*.

Apesar desse levantamento estatístico, optamos por uma ênfase na metodologia qualitativa, sem grande compromisso com a quantificação. Justificamos essa escolha em função da natureza dos dados coletados e por

conta da necessidade de uma coleta de dados mais abrangente em etapas posteriores a este estudo, de modo a recobrir seqüências textuais, gêneros discursivos e contextos de uso mais diversificados.

Cada dado foi analisado em sua individualidade, a partir de seu contexto de uso. Como defende Rosário (2022b), devemos partir da concepção de que uma série de pressões, em maior ou menor grau, influencia as microconstruções conectoras. Assim, o foco da análise deve residir na inter-relação entre forma e sentido. A seguir, selecionamos alguns desses dados para ilustrar a próxima seção do artigo.

3. Análise de dados

Para compreendemos melhor a função de *perto de* como conector de orações (que é o foco deste trabalho propriamente dito), é importante mais uma vez analisarmos um dado semelhante à primeira ocorrência deste artigo, tal como vimos em (1). Como já indicado, trata-se de um uso predicativo:

(3) O Brasil está mais **perto de** escolher os caças F-18 da Boeing em um dos contratos de defesa mais cobiçados no mundo em desenvolvimento, após o vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, tratar as principais dúvidas do governo brasileiro durante uma visita a Brasília, disseram autoridades à Reuters. Disponível em: <http://www.defesanet.com.br/fx2/noticia/11098/Brasil-esta-mais-perto-de-comprar-cacas-da-Boeing-apos-visita-de-Biden/>

Podemos observar em (3) que o *perto de* não se configura como um conector, afinal há uma fronteira entre “perto” e “de”, de modo que é possível dividir o período em (i) “O Brasil está mais perto” e (ii) “de escolher os caças F-18 da Boeing...”. Neste caso, a hipótese que se levanta é que, em (ii), haja uma estrutura análoga à de uma oração subordinada substantiva completiva nominal, já que essas orações complementam substantivos, adjetivos ou advérbios. Assim, em (3), temos o uso do advérbio *perto* ao lado da preposição *de*, que, por sua vez, introduz uma segunda oração.

Embora as gramáticas tradicionais, na abordagem das completivas nominais, apresentem exemplos de advérbios de outra natureza, o “*perto*” é, sem dúvida, um advérbio, podendo, portanto, haver a necessidade de sua complementação, como de fato ocorre em (3). A natureza adverbial de “*perto*” é ainda mais evidente em função do intensificador “*mais*”, à esquerda desse elemento no texto. Segundo o dado, “o Brasil está *mais perto* de algo”, ou seja, “de escolher os caças F-18 da Boeing...”

Esse padrão de uso, denominado neste trabalho de predicativo, corresponde a aproximadamente 2/3 das ocorrências de *perto de* em estruturas oracionais. É bastante provável que esse uso seja o contexto-ponte para o uso conector, como ilustraremos adiante. Contudo, somente uma pesquisa histórica seria capaz de comprovar esse fato.

No campo da conexão de orações em perspectiva funcionalista, é clássico o *continuum* de Hopper e Traugott (2003), em que os autores advogam que a hipotaxe é caracterizada por [+ dependência] e [- encaixamento]. Nesse dado (3), não é possível haver mobilidade posicional, o que reforça o caráter de [+ dependência] e [+ encaixamento] da oração que se localiza à direita do advérbio “*perto*”. A mudança na ordem das orações no período também ocasionaria, no mínimo, uma estrutura pouco natural.

Esses são os traços do chamado uso predicativo de *perto de*. Ao lado desse uso, destacamos agora o foco deste trabalho, que é o uso conector. De fato, em várias ocorrências atestadas no uso, o *perto de* cumpre papel semelhante ao de uma conjunção, visto que é capaz de ligar orações com comportamento de hipotaxe adverbial. Vejamos um dado:

(4) Embora se perceba isso logo a a partida, é puro engano, pois, um ouvido apurado reconhece um trabalho laborioso, a sua grandeza criativa e a musicalidade de os seus versos que não deixam ninguém indiferente. Um legado de nomeações **Perto de** celebrar o seu 26º aniversário, Rage, de seu nome verdadeiro Ismael Saíde, construiu um legado em o universo de Hip Hop nacional -- embora seja um artista anónimo para muitos. Disponível em <link: <http://www.verdade.co.mz/cultura/17902-o-rapper-que-fi-cciona-a-realidade>

No dado (4), o uso do *perto de* estabelece uma relação lógico-semântica entre a oração “Perto de celebrar o seu 26º aniversário [...]” e “[Rage] construiu um legado em o universo de Hip Hop nacional”. À luz de Hopper e Traugott (2003), a oração hipotática “Perto de celebrar o seu 26º aniversário” apresenta traços de [+ dependência], uma vez que conta com maior nível de integração semântica e [- encaixamento], pois há maior mobilidade sintática, o que é próprio das hipotáticas (ou adverbiais).

Fica bastante evidente que, em (3), temos um uso distinto do observado em (4). Neste último dado, *perto de* encabeça uma oração hipotática, estabelecendo uma relação lógico-semântica de sentido temporal entre a oração matriz e a secundária. Ao ser recrutado para o cumprimento dessa função na língua, há decategorização (cf. HEINE *et al*, 1991), já que não se pode mais observar claramente um advérbio (*perto*) ao lado de uma preposição (*de*), mas uma nova microconstrução, qual seja, *perto de*.

Essa nova microconstrução conectora surge a partir de uma progressiva perda de composicionalidade, o que faz com que ambos os elementos (*perto + de*) sejam embalados e conceptualizados como uma nova unidade na língua. Em outras palavras, ocorre o fenômeno do *chunking* (BYBEE, 2010), que consiste em uma maior fusão entre os elementos que compõem uma expressão linguística.

Vejam os mais um dado:

(5) “[**Perto de**] fazer história, o modesto Mirandés encara a Real Sociedad em busca de vaga na final da Copa do Rei, a segunda competição mais importante do país. Para isso, a equipe conta com a ajuda de um brasileiro pouco conhecido por aqui. Disponível em <link: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/perto-de-fazer-historia-na-espanha-brasileiro-fala-ao-l-da-expectativa-para-semifinal-da-copa-do-rei,126ab4306dc7c08f863e66ff3e1b21f6sdriryfu3.html>

Em (5), novamente se observa que *perto de* comporta-se como uma microconstrução totalmente integrada, atuando como um conector. Os componentes – *perto* e *de* – estão acoplados, fazendo com que os sentidos e

funções que antes eram separados passem a configurar uma nova estrutura com um novo significado, qual seja, o de ligar orações por meio da noção de tempo aproximativo.

Em Koch (2004), a autora apresenta *antes que e depois que* como conectores lógico-semânticos responsáveis pela expressão de uma relação de temporalidade do tipo anterior/posterior. Defendemos que *perto de* também é mais um elemento de conexão, pois igualmente é capaz de expressar relações temporais. A diferença é que esse conector veicula a noção semântica de aproximação. Assim, podemos falar que *perto de* cumpre o papel de *conector temporal no eixo proximal*.

Essa constatação tem grande relevância para o estudo dos conectores em língua portuguesa. Afinal, os dados comprovam que *perto de* cumpre uma função bastante específica, que é a de permitir a expressão de uma noção temporal bem definida e particular. É verdade que o conector *quando*, de uso mais geral, cumpre o papel de conector de orações temporais. Contudo, ao longo do tempo, vão surgindo diversos outros elementos gramaticais que permitem um maior refinamento na expressão do valor temporal, como é o caso de *perto de*, fazendo com que o inventário dos elementos coesivos se amplie, oferecendo elementos especializados, que sejam capazes de atender aos falantes e escreventes da língua de modo ainda mais preciso.

Vejam os mais um dado:

(6) Inclusive, o empresário chegou a entrar em litígio com o clube do Morumbi por conta de Piazon. **Perto de** completar 16 anos e tornar-se apto a assinar um contrato profissional, o jogador entrou com uma ação contra o São Paulo para impedir o registro do “contrato de gaveta” que tinha com a equipe desde os 14 anos. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/sao-paulo-negocia-venda-de-promessa-ao-chelsea,d82834c2be69a310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

Em (6), temos mais um exemplo de *perto de* em sua função de conector de orações. Como vimos frisando, trata-se de um uso muito distinto

do que é comumente apresentado pelas gramáticas normativas sob o rótulo de locução prepositiva, já que nem sempre há clareza quanto ao seu papel de ligar orações. Há duas outras características desse uso: a posição inicial absoluta do conector e o enquadramento temporal.

Nos dados (2), (4), (5) e (6), *perto de* está sempre na posição inicial absoluta do período. Essa é uma forte tendência de uso desse conector, o que é previsível. A posição inicial absoluta faz com que esse elemento de natureza procedural seja mais autônomo em relação às informações precedentes, o que colabora para o delineamento do seu novo papel gramatical. Vale destacar que nos usos predicativos – como os ilustrados em (1) e (3) – ocorre justamente o contrário, já que o advérbio *perto* sempre pertence a uma oração que antecede a preposição *de*.

Além desse traço da posição inicial absoluta, os usos conectores de *perto de* estão sempre em contextos de expressão do tempo. “Perto de acontecer o show” (dado 2), “perto de celebrar o seu 26º aniversário” (dado 4), “perto de fazer história” (dado 5) e “perto de completar 16 anos” (dado 6) sempre tomam noções temporais como referência discursiva. Isso certamente faz com que haja um processo metonímico em que a noção de tempo expressa no discurso também, de alguma forma, exerça alguma pressão sobre o *perto de*.

Sobre o exposto, partimos do princípio de que *perto de* passou por uma trajetória de mudança *espaço > tempo > texto* (HEINE *et al.*, 1991), que foi o caminho trilhado por vários conectivos atestados em diversas línguas do mundo. Nessa trajetória, os itens sofrem pressões de forças cognitivas relacionadas às experiências do falante, marcadas pela atuação de mecanismos de natureza sociocognitiva. Assim, a noção de espaço (mais primitiva no advérbio “perto”) metaforiza-se para uma noção mais abstrata e derivada, que é a de tempo.

De certa forma, por efeito da persistência (cf. HEINE *et al.*, 1991), para sermos mais exatos, não há apagamento total da noção de espaço nos usos conectores de *perto de*. Ao contrário, as referências escapadas por *perto de* são reinterpretadas em uma dimensão verdadeiramente *espácio-temporal*.

Vejamos, mais uma vez, por exemplo, um trecho do dado (5): “*perto de* fazer história”. De alguma forma, podemos interpretar “fazer história” como um *locus* a que o modesto Mirandês quer chegar. Defendemos, portanto, que o uso conector de *perto de* não indica um uso totalmente independente do seu valor espacial mais primitivo. Essa é uma questão de gradiência (cf. ROSÁRIO, 2022b), com nuances de valor espacial e temporal em convivência, ora de modo mais claro, ora mais sutil.

Vejamos mais um dado para ilustrar o uso de *perto de* como conector de orações:

(7) Nayara Gerez conta que durante o tempo que esteve na Kent State sempre foi ativa em todas as atividades fornecidas pela Universidade e por conta desse engajamento foi escolhida para ocupar o cargo. “**Perto de** eu voltar para o Brasil, os representantes da Universidade me chamaram para conversar e disseram que estavam abrindo um escritório no Brasil em Curitiba, pois queriam mais alunos brasileiros estudando na instituição. Disponível em: http://www.dce.mre.gov.br/Noticias/04_2013.html

Nesse dado, “*perto de* eu voltar para o Brasil” significa algo semelhante a “quase voltando para o Brasil”. A especialização no uso de *perto de* faz com que esse conector cumpra um papel muito específico na língua, que é o de expressar tempo aproximativo, como já informado anteriormente.

Voltando ao ponto da dimensão espaço-temporal, aqui também podemos perceber que essas duas noções muito básicas da experiência humana (espaço e tempo) imbricam-se de modo muito forte. Estar *perto*, próximo, quase junto de algo implica naturalmente dispender pouco tempo para alcançá-lo. Se concebermos “voltar ao Brasil” como um marco a que se deseja alcançar, discursivamente sabemos que isso se dará logo, em pouco tempo. Esses sentidos são todos abarcados pelo uso de *perto de*, capaz de amalgamar esses dois valores básicos: um uso mais primitivo espacial ao lado de um uso derivado temporal.

Como já indicado ao longo deste trabalho, não defendemos o rótulo de conjunção para o *perto de*³. Há algumas razões para isso. Uma delas é que *perto de*, na função de conector, somente é capaz de ligar orações não finitas. As conjunções, ao contrário, têm escopo mais amplo, visto que canonicamente ligam orações finitas, que são as orações por excelência. Assim, para o *perto de*, cabe melhor o rótulo de *conector*, em acepção semelhante à delineada por Koch (2004), cuja definição já foi aqui apresentada.

Outra razão para não rotularmos o *perto de* como conjunção está na sua atestada variação formal. Vejamos os dados a seguir:

(8) Até então **pertíssimo de** chegar lá, *Jurassic World Domínio* finalmente cruzou a barreira do **US\$ 1 bilhão** na bilheteria global, segundo anúncio da Universal Pictures do último dia 23. Fonte: <https://legadoplus.com.br/jurassic-world-dominio-ultrapassa-us-1-bilhao-na-bilheteria-global/>

(9) Mas a história não acaba aqui... Já depois de Lionde, **pertinho de** chegar a Chókwe, vemos na estrada grande agitação. Enquanto nos aproximávamos, o alcatrão brilhava como se tivessem derramados milhões de pequenos cristais pelo pavimento. Fonte: <https://asuldomundo.wordpress.com/2009/11/page/2/>

(10) O São Paulo venceu o Náutico, em jogo pendente da 10ª rodada do Brasileiro 2013, na Arena Pernambuco. E Goiás derrotou o Grêmio, no Serra Dourada. Aloísio marcou o único gol do tricolor paulista, aos 27 minutos do 2º tempo. **Bem perto de** sair da Zona de rebaixamento, o São Paulo terminou o jogo com 10 em campo. Fonte: <http://www.seguara.com.br/2013/09/futebol-dois-jogos-nesta-terca-pelo.html>

Como sabemos, as conjunções canônicas são palavras invariáveis, ou seja, não admitem nenhum tipo de flexão ou derivação. Os dados (8) e (9)

3 Vale destacar que Fávero (2009, p. 14) insere o uso de *depois de* (análogo ao *perto de*) no campo da conjunção. Contudo, devemos sublinhar que o conceito de conjunção adotado pela autora é diferente do comumente empregado na gramática normativa. Baseando-se em Halliday e Hasan, para Fávero (2009), a conjunção é um tipo de concatenação frásica, uma espécie de procedimento, ao lado da referência, da substituição, da elipse e do léxico.

acima, ao contrário, apresentam variações nos usos de *perto de*. Em (8), temos “*pertinho de chegar a Chókwe*”; em (9), temos “*pertíssimo de chegar lá*”.

Essas ocorrências revelam importantes propriedades do uso de *perto de* como conector, distinguindo-o ainda mais do rol das conjunções subordinativas temporais canônicas. Como se sabe, o sufixo de diminutivo (*-inho*) e o sufixo de superlativo (*-íssimo*) são acoplados somente a elementos linguísticos de base nominal que, por sua vez, permitem graduações de uso.

Na análise dos usos de *pertinho de* e de *pertíssimo de*, percebemos que essas variações somente são possíveis por conta da natureza da subparte *perto*, que integra esses conectores. Afinal, embora tenha sido recrutado para o cumprimento de outra função na gramática (o de conector, quando adjungido à preposição *de*), o elemento *perto* ainda guarda propriedades de sua categoria-fonte, que é a dos advérbios.

De outro ponto de vista, em termos semântico-pragmáticos, podemos afirmar que *pertinho de* e *pertíssimo de* expressam a noção de tempo aproximativo com ainda mais refinamento. A partir de um contexto específico de uso, os falantes/escreventes sentem necessidade de precisar, com mais exatidão, a noção de tempo aproximativo. Assim, em (8), “*pertíssimo de chegar*” refina a ideia de proximidade, graduando-a com ainda mais precisão. Em (9), “*pertinho de chegar*”, por sua vez, é capaz de expressar a ideia de grande proximidade, como também a noção de afeto, que é muito comum no uso do diminutivo em língua portuguesa.

Por fim, em (10), temos “*bem perto de*”. Nessa ocorrência, defendemos o uso conector de *perto de*, mas é visível que o advérbio “*bem*”, à esquerda do conector, igualmente é capaz de modificá-lo. Essa situação de uso cria um contexto de forte ambiguidade estrutural, fazendo com que tenhamos propriedades adverbiais de “*perto*” (intensificado pelo uso de “*bem*”) em convivência com o uso conector de “*perto de*” (tendo em vista que esse elemento procedural cumpre o papel de ligar orações). Trata-se de um uso que se situa no intermédio entre o léxico (pelo valor adverbial) e a gramática (pela função conectora).

Em uma perspectiva funcionalista, em que a gramática é baseada nos usos reais da língua, esses dados não apresentam nenhum problema para as análises; ao contrário, revelam claramente a natureza gradiente, polissêmica e ambígua dos usos gramaticais (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA; LOPES, 2022), o que é próprio de sua natureza.

Aliás, o reaproveitamento de material linguístico para o cumprimento de outras funções é um ponto de destaque nas pesquisas funcionalistas. Assim, não é preciso haver a criação de um elemento totalmente novo para expressar a conexão temporal aproximativa, visto que a língua já dispunha de *perto* e *de*, agora rearranjados para o cumprimento dessa nova função. Rosário (2022a, p. 370) afirma que:

Hopper e Traugott (2003, p. 178), Heine e Kuteva (2007, p. 221), Goethem (2017, p. 34) e outros, sob o escopo dos estudos em gramaticalização, revelam que a recategorização de preposições em conectores oracionais faz parte de uma dinâmica natural nas línguas. Essas recategorizações ocorrem devido à (inter)subjativização (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), ou seja, o desejo de os falantes serem cada vez mais expressivos.

Assim, podemos concluir que *perto de* não se restringe ao seu papel de ligar palavras ou sintagmas, como faz supor a gramática normativa. Também não está restrito ao campo das relações espaciais. Além desses usos já bastante consolidados nos manuais, *perto de* também integra construções predicativas e, como procuramos demonstrar neste texto, é igualmente capaz de cumprir o papel de conector de orações temporais aproximativas no eixo proximal. Com isso, expande-se o inventário dos elementos procedurais da língua portuguesa responsáveis pelos processos de coesão sequencial (FÁVERO, 2009; KOCH, 2004).

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar os usos da microconstrução conectora *perto de*, vinculada à rede esquemática

[X de]_{conect}. Para isso, mobilizamos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, com aportes da Linguística Textual, especialmente no tocante aos conceitos relativos à coesão sequencial (cf. FÁVERO, 2009; KOCH, 2004).

A análise dos dados comprovou que o *perto de*, em contexto de uso oracional, está associado a dois padrões: o uso predicativo e o uso conector. O primeiro caracteriza-se pela existência de uma fronteira clara entre o advérbio *perto* e a preposição *de*, de modo que não se pode falar em um elemento único, de natureza singular. O segundo padrão, foco deste trabalho, estabelece a existência de um conector responsável por indicar a noção de temporalidade aproximativa no eixo proximal, em que se verifica o *chunk perto de*. Esse segundo uso é flagrado nas relações de conexão oracional em que se verificam os traços de [+ dependência] e [- encaixamento], nos termos de Hopper e Traugott (2003).

O uso conector de *perto de* estabelece relações de herança com o seu valor primitivo espacial que, em diferentes relações de gradiência, está ora mais ora menos ligado aos usos temporais desse elemento procedural da língua portuguesa. Além dessa característica, destaca-se também a posição inicial absoluta do *perto de*, o que certamente colabora para o seu delineamento como conector de orações em português.

Igualmente importantes são os mecanismos de neoanálise e analogização. Pela neoanálise, a justaposição de *perto e de*, em situações contextuais específicas e com a devida frequência, fez com que ambos os elementos fossem embalados como um único elemento procedural, ganhando maior nível de gramaticalidade. De outro lado, em uma relação vertical, a própria existência do esquema abstrato [X de]_{conect} fez com que o advérbio *perto* e a preposição *de* fossem recrutados para uma nova função na língua, que é a conector de orações hipotáticas não finitas.

A razão para o surgimento e o uso do conector *perto de*, em língua portuguesa, explica-se pelo princípio funcionalista central de que o uso exerce pressões sobre o sistema linguístico. Devido à necessidade de um

maior refinamento na expressão do amplo domínio da temporalidade, falantes e escreventes passam a usar o *perto de* na função de conector de orações, pois o foco não é apenas indicar a noção genérica de tempo (o que pode ser cumprido pela conjunção canônica *quando*), mas indicar um recorte preciso: a ideia de tempo aproximativo.

Os dados permitem a comprovação de que o conector *perto de* ainda está em vias de convencionalização na língua. É por esse motivo que ainda é tão marcado por instabilidades em seus usos. Um dos reflexos dessa condição especial do *perto de* é a possibilidade de variação por que passa. De fato, os dados comprovam usos conectores de *pertinho de* e *pertíssimo de*, bem como *muito perto de*, *bem perto de* etc. Esses usos ilustram a dinamicidade do sistema linguístico, como também a polissemia e a multifuncionalidade dos elementos procedurais responsáveis por estabelecer relações coesivas em nossa língua.

A rede [X de]_{connect} (cf. ROSÁRIO, 2022a) é um amplo campo de investigação. Há necessidade de cada vez mais pesquisas que sejam capazes de detalhar suas propriedades formais e funcionais. Assim, essa é uma grande agenda de trabalho em aberto, inclusive com relação ao *perto de*, que ainda demanda um tratamento estatístico mais robusto e uma atenção maior para os seus contextos de uso. Essas são as próximas etapas deste trabalho.

Referências bibliográficas

ARENA, Ana Beatriz; AGUIAR, Milena Torres. Conectores em contextos de uso: uma contribuição para o ensino básico. In: WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Mariangela Rios (Org.). **Fundamentos Teórico-Methodológicos para o Ensino de Português na Educação Básica**. 1ed. Campinas: Pontes Editora, 2022, v. 1, p. 1-219.

BRAGA, Aline Priscilla de Albuquerque. **Relativa livre introduzida por quem**: uma interpretação funcionalista. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). UFRN/ PPGEL: Natal (RN), 2018.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTANHEIRA, Dennis da Silva. **Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa). UFRJ: Rio de Janeiro, 2020.

CROFT, William. 2001. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; BISPO, Edvaldo; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado da (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2013, p. 13-40.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2009

FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 2005.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

HEINE, Bernd. *et al.* **Grammaticalization: a Conceptual Framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo; Contexto, 2021.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. **Esquema [X de]conect em língua portuguesa: uma análise funcional centrada no uso**. Revista Matraca - UERJ, v. 29, n. 56, p. 362-378, mai./ago. 2022a. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/62105>

ROSÁRIO, Ivo da Costa (Org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Niterói - RJ: EdUFF, 2022b. Disponível em <https://www.eduff.com.br/produto/introducao-a-linguistica-funcional-centrada-no-uso-680>.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; MACHADO, Marcello Martins. Do espaço-tempo ao contraste, à condição e à finalidade: uma análise funcional do conector hipotático *ANTES DE*. **Revista Prolíngua** - UFPB, v. 17, n. 1, pág. 46-61 (jan/jul, 2022). Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/62574/35899>

ROSÁRIO, Ivo Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios; LOPES, Monclar Guimarães. Pesquisas em Linguística Funcional Centrada no Uso. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa; SANCHEZ-MENDES, Luciana (Orgs.). **Teoria e análise linguística**. Coleção Estudos de Linguagem. Niterói - RJ: EdUFF, 2022. Pág. 39-69. Disponível em <https://www.eduff.com.br/produto/teoria-e-analise-linguistica-e-book-pdf-704>

ROSÁRIO, Ivo da Costa; SOUZA, Brenda da Silva. Análise dos conectores “com o objetivo de” e “com o intuito de” à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista de Estudos da Linguagem** - UFMG, v. 30, n. 2, pág. 1032-1055, 2022. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/18566>

TOMASELLO, Michael (Ed.) **The new psychology of language**, v. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford, Oxford University Press, 2013.